

Galvêas admite o *waiver*

ELIANE GAMAL ESPECIAL PARA O ESTADO

Nova York — Ao desembarcar ontem pela manhã, no aeroporto John F. Kennedy, em Nova York, o ministro Ernane Galvêas declarou que as negociações da fase três da dívida externa brasileira já estão concluídas com os bancos, mas ainda é preciso "acertar uma posição mais clara com o Fundo Monetário Internacional sobre as metas da economia brasileira para o ano de 1985".

O ministro Galvêas veio da Europa — onde esteve reunido com o Clube de Paris e com banqueiros suíços — e hoje mesmo embarcou pela manhã para São Domingos, onde participa da reunião do Grupo de Cartagena. E durante os dez minutos em que conversou com os jornalistas Galvêas explicou que o desvio na expansão monetária no mês de dezembro poderá levar a um novo encontro entre a missão do Fundo Monetário Internacional e técnicos brasileiros para a realização de alguns ajustes na programação de 1985. "Os bancos certamente irão aguardar o exame das metas para 1985 e depois disso nada impedirá a conclusão dos acordos plurianuais", afirmou o ministro, transmitindo a impressão que obteve depois dos encontros com os banqueiros suíços também membros do comitê de assessoramento da dívida externa brasileira.

No entanto Galvêas negou a hipótese da elaboração de uma oitava carta de intenções, mas admitiu a necessidade do Brasil pedir um *waiver* (dispensa

do cumprimento de metas pré-estabelecidas) que segundo ele a inflação superou as projeções do governo, ultrapassando em termos de déficit público os objetivos indicados no programa para o FMI. Mesmo assim o ministro está otimista quanto à possibilidade dos contratos estarem assinados até o dia 15 de fevereiro.

O ministro da Fazenda não quis entrar em detalhes numéricos referentes às bases dessas últimas negociações, mas afirmou que as condições se equivalem às do México. "É difícil fazer uma comparação mas acho que a nossa negociação é absolutamente equivalente à do México porque se em alguns pontos o *spread* é ligeiramente superior na parte do setor privado por exemplo, a taxa de risco é inferior e os prazos são maiores", explicou o ministro referindo-se também aos sete anos de carência praticamente já acertados com os banqueiros. Ele ainda acrescentou que o *spread* médio será de um e um oitavo, confirmando a informação anunciada há uma semana pelo presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore.

Ainda em relação à conclusão das negociações com os banqueiros, Ernane Galvêas disse que já foram resolvidos os problemas com a Siderbrás e Cobec, restando a Sunamam — para o ministro uma questão desagradável, mas não obstáculo para a finalização dessas negociações. Galvêas explicou que esse não é um problema do governo, porque os bancos fizeram contratos de financiamentos diretamente com os estaleiros privados.